

ALFAGUARA



Tradução de Nuno Quintas

Ao Clarke

Índice

PARTE I

RINGOLEVIO | 1971 11

PARTE II

NEFERTITI TNT | 1973 125

PARTE III

OS FINALIZADORES | 1976 241

PARTE I

RINGOLEVIO

1971

Os bandidos hão de ser sempre bandidos, os gajos torcidos odeiam os gajos às direitas.

Desde essa altura, sempre que ouvia a canção, ocorria-lhe a morte de Munson. Afinal, foram os Jackson 5 a fazer Ray Carney voltar às ruas após quatro anos de vida às direitas. «Vida às direitas»: a expressão descrevia uma filosofia e um território, um quarteirão com fronteiras e costumes próprios. Às vezes, passando pela Sétima Avenida a caminho do trabalho, balbuciava essas palavras para consigo, feito bebedor saído dos bares e que, a caminho de casa, se esforçava por não andar aos esses pelo passeio.

Quatro anos de honesto e proveitoso trabalho no setor dos móveis para o lar. Carney mobilava casas de recém-casados que encetavam a vida a dois e modernizava salas de estar que conviessem a uma vida mais desafogada, dava a conhecer aos reformados a vasta gama de modernas poltronas reclináveis. Era uma responsabilidade a valer. Ainda a semana passada uma cliente lhe contou que o pai morrera no sono «de sorriso na cara», embalado numa *Sterling Dreamer* comprada nos Móveis Carney. Segundo ela, o pai trabalhara trinta e cinco anos na câmara municipal como canalizador. A última coisa que sentiu nesta vida foi o toque voluptuoso da estrutura de poliuretano. Carney ficou satisfeito por o homem ter ido contente desta para melhor: que tragédia seria se a última coisa a passar-nos pela cabeça fosse alguém ter dito: «Devia ter optado pela poltrona da Naugahyde.» Carney trabalhava com acessórios. Artigos de relevo para espaços sem vida. Parecia chato. E era. Mas também dava ânimo, da mesma maneira que a comida insossa e as bebidas aguadas, sem nos darem prazer, nos alimentam.

Ninguém festejou a reforma de Carney quando saiu das ruas. Ninguém lhe deu um relógio de ouro pelos anos de serviço, mas relógios de ouro não lhe faltavam desde que se tornara recetador.

No dia em que se reformou, tinha uma caixa deles no cofre do escritório, todos gravados com nomes de desconhecidos, pois havia algum tempo que não se encontrava com o perito em relógios de Mott Haven. O adeus ao negócio dos artigos roubados consistiu sobretudo em rejeitar antigos clientes e pedir-lhes que fizessem passar a palavra pelo seu círculo criminal: o Carney já era.

«Como assim, já eras?»

«Saí. Acabou-se.»

A porta de acesso pela Avenida Morningside, aberta no edifício para facilitar a atividade noturna, tornou-se o circuito inocente das entregas da tarde. Duas semanas depois do assalto ao Fortuna, Tommy Shush foi bater à porta da Morningside com uma pasta de pele negra debaixo do braço. Carney, testando até onde ia a sua determinação, passou os olhos pelos diamantes — e desejou boa sorte ao gatuno. No dia seguinte, Cubby, o *Verme*, um dos clientes brancos habituais, apareceu fora de horas, com «material mesmo do bom». Cubby era especialista em assaltos improváveis com produto que levava anos a escoar: o gajo tinha um fartote de pula-pulas chineses e meias-calças enfiadas em ovos de plástico. Carney mandou-o embora, não era nada de pessoal, antes de Cubby descrever o produto ilícito da semana.

Os ladrões, pouco a pouco, foram deixando de aparecer, mas o mau humor deles pouco durou, pois há sempre mais um golpe, mais um contacto, mais um negócio a fazer numa firma tão vasta, tão complicada e tão podre quanto Nova Iorque.

— Pode-lhe tocar, que não morde. É como tocar numa nuvem do Paraíso.

Do outro lado da área de exposição, Larry lançava o isco ao cliente, um exemplar engelhado que virava e revirava nas mãos uma boina vermelha. Ombros caídos, murchinho. Carney encostou-se à entrada do escritório e cruzou os braços. Uma parcela considerável da clientela consistia em velhos dispostos a esbanjar dinheiro em coisas simples que havia muito se negavam. Ele eram as molas

da poltrona que rangia e lhes rasgavam os fundilhos de um ror de calças, ele era o médico que lhes dava remédios para a má circulação e dores de origem desconhecida, e aí vinham eles. Carney, pensando na sorte que tinham, imaginava estes velhos sozinhos em apartamentos estreitos e compridos de chão inclinado, ou em estúdios à meia-luz: motoristas de autocarros em busca de poltronas novas onde sorver a sopa e agarrados aos boletins de apostas nas corridas de cavalos, empregados de caixa de lavandarias de serviço rápido ansiosos por apoiar os pés cansados em alguma coisa. Os enjeitados. Nunca regateavam, irritavam-se por mexerem nas poupanças, mas orgulhavam-se de ter dinheiro na mão.

O artigo em causa era um cadeirão *Egon* de 1971, com estofos antimanchas de *tweed*. Um tanque de conforto, andejando em rodinhas de bronze *Pro-Slide*.

— O Paraíso — repetiu Larry.

Quando o cliente entrou no estabelecimento, deu um passou-bem a Larry e apresentou-se: Charlie Foster. Bailava agora as pontas dos dedos no tecido castanho e verde, e ria-se, deleitado que nem um menino.

Larry piscou o olho a Carney. Quando Rusty, havia muito responsável pela área de exposição, deu um jeito às costas e ficou três meses e meio de cama, Carney precisou de quem fizesse as vezes dele. Apareceu Larry no segundo dia de entrevistas, e ficou.

Larry era o exemplo máximo da descontração controlada, um lento desvelar de puro estilo. Reagia ao cumprimento que alguém lhe dirigia quando ele pegava ao serviço levantando dois dedos, a pedir que esperássemos, como se estivesse a meio de uma chamada transatlântica com potências estrangeiras, e respondia depois de despir o colete às riscas, as calças à boca de sino e o chapéu de aba mole de camurça ou a fatiota estilosa que calhasse ter escolhido nesse dia. Já em traje de vendas, lá lançava um mavioso «atão, pá?».

Pertencia a esse clã de negros tão à vontade na própria pele que corria toda a gente a «pás»: o velho, a mãe ainda nova, o polícia rubicundo que fazia a patrulha. Um conservador típico, para o descrever, diria que Larry tinha «lábria» por causa do sorriso bem-disposto

e da arenga desenfreada, mas Larry via nisso um elogio. Ter lábia é uma vantagem quando andamos nas vendas. Apesar dos seus vinte e um anos, Larry já vivera muitas vidas, não obstante Carney suspeitar de que ele tivesse emergido, cinco minutos antes de lhe pôr a vista em cima, homem feito numa cuba da pinta do Harlem. Fora cozinheiro num hotel da Avenida Madison, topiário em dois cemitérios, chofer da mulher de um magnata do mármore do Connecticut, «o tipo que gaseia cãezinhos no Centro Veterinário de Gotham», o que Carney assumiu exigir alguma formação ou licença especializada, mas pouco importa. Agora era vice-responsável de vendas dos Móveis Carney na Rua 125, «Há Mais de 15 Anos a Servir Bons Móveis à Comunidade».

«Sai a horas do serviço, anda sempre com um compromisso», gostava a secretária de Carney, Marie, de cantarolar, roubando a melodia à *sitcom* *The Patty Duke Show*. Tal como Freddie, primo já falecido de Carney, Larry gostava de reclamar como território a Alta e a Baixa de Nova Iorque, e qualquer meridiano de prazer entre uma e outra. Ouvir Larry narrar as crónicas noturnas de Nova Iorque, e o seu elenco multifacetado, era como escutar um dos relatos da manhã que Freddie fazia nos bons velhos tempos. Animava Carney.

Carney não mandou Larry embora depois de Rusty recuperar. O trabalho mais que chegava, e Carney podia ter algum descanso dos clientes. Era como se a loja sempre tivessem sido eles os quatro. Mesmo abatido e de ressaca, Larry nunca deixava os clientes notarem-lhe o suplício. «Guarda os segredos no bolso» era a exigência laboral tácita dos Móveis Carney. Às vezes Marie tapava com os óculos de sol um olho negro, mas nunca denunciava o marido, Rodney. Carney, claro, era versado na arte de dissimular o lado sujo. Só Rusty era quem parecia ser: um gajo afável transplantado da Geórgia que, tantos anos depois, ainda se deixava desconcertar pela cidade. Tanto quanto Carney. Talvez Rusty fosse deles todos o intérprete mais conseguido e, ao fim do dia, andasse a operar cérebros ou em missões para uma organização criminosa, tipo a SPECTRE, dos filmes de James Bond.

Mais uma sirene avenida acima.

— É rijo? — perguntou Charlie Foster. — Gosto deles rijos. — Enfiou um dedo no braço esquerdo do cadeirão, como se empurrasse suavemente um inseto com o sapato para ter a certeza de estar morto.

— Pá, é rijo que nem o USS *Missouri* — retorquiu Larry. — O barato sai caro, sai ou não sai? Mas a Egon põe-me uns bons preços nestes meninos e compensa com fidelidade. Assim, a gente também faz negócio. Sente-se, pá, sente-se lá.

Charlie Foster sentou-se. Parecia fundir-se com o cadeirão. A julgar pelo semblante, perdera anos de apoquento.

«Vendido.»

Carney voltou ao escritório. Comprara uma nova cadeira de escritório em abril e pintara o espaço o Natal passado, mas o espaço com os anos pouco mudara. O diploma de Gestão continuava suspenso no mesmo prego, a fotografia assinada de Lena Horne no seu poleiro sagrado. O negócio corria bem. A atividade paralela de recetação permitira-lhe a ele e a Elizabeth comprarem a casa de Strivers' Row e já antes os tirara do primeiro apartamento, que era apertado. Tornara possível alargar a loja à padaria do lado e ajudara-os a superar inúmeras fases difíceis. Mas comprar os números 381 e 383 da Rua 125 Oeste? Tudo isso pertencia aos Móveis Carney. Ele adquirira dois prédios a Giulio Bongiovanni na primeira semana de janeiro de 1970. Uma nova década, repleta de esperança.

Se, ao assinar o contrato de arrendamento, lhe tivessem dito que um dia seria dono do espaço, teria mandado essa pessoa passear. O filme *Carmen Jones* fazia a sua cerimónia de estreia ao fundo da rua, no Hotel Theresa, e quando ele teve as chaves na mão, foi como se toda a luz e bulício fossem só para si. A propriedade não era propriamente bonita, mas podia fazer a fortuna de um tipo. Nos dois primeiros anos, Carney deixava o dinheiro da renda em mãos nos escritórios da Imobiliária Salerno, na Quinta Avenida, e fazia-o por não confiar nos correios, como se, à meia-noite e um minuto do dia 2, a polícia lhe fosse arrombar a porta e deixar a tralha toda na rua. Ele tinha a impressão de que ocorrera

um episódio assim a alguém que ele ou o pai conheciam, mas, agora que tinha assentado e chegado à meia-idade, admitia ser peta. Era o mais certo.

Carney conheceu o senhorio quando ligou à Salerno para saber se podia ampliar a loja para o espaço da padaria. Um dos clientes habituais do padeiro ficara alarmado ao dar com o estabelecimento ainda fechado às sete e cinco da manhã, e depois reparara nas pernas que assomavam de trás do balcão. Por respeito para com o morto, Carney aguardou quarenta e cinco minutos antes de perguntar pelo arrendamento.

Giulio Bongiovanni deixava os inquilinos nas mãos dos funcionários, mas Carney havia muito que lhe despertava a curiosidade. O número 383 da Rua 125 Oeste era um espaço comercial amaldiçoado ainda antes de Bongiovanni ter passado a gerir o negócio imobiliário do pai. Duas lojas de móveis, uma retrosaria masculina, duas sapatarias e não só tinham ido num instante à falência depois de assinado o contrato de arrendamento, e a má sorte acompanhara os inquilinos mesmo após vagarem o espaço. Cancros inauditos em partes do corpo igualmente inauditas, divórcios que seriam estudados gerações a fio nas cadeiras de Direito da Família e Menores, uma panóplia de penas de prisão. Alguém esmagado por um objeto enorme em frente a um convento.

«A coisa ficou de tal maneira, que eu tinha medo de o arrendar», confessara Bongiovanni a Carney.

«A vida corre-me bem», retorquira-lhe Carney.

O tipo submeteu-o ao olhar de quem nunca vira um negro como ele, experiência não rara para Carney. Supôs que naquela época acontecia mais vezes em todo o lado. Um gajo começa por vê-los atrás do balcão de um *snack-bar*, depois nas cabinas de voto e, quando damos por ela, estão à frente de prósperas lojas de móveis do Harlem.

«Bem é pouco», reconheceu Bongiovanni, e autorizou Carney a deitar abaixo a parede para ocupar a padaria.

Giulio Bongiovanni tinha raízes bem antigas na Rua 110, quando o leste do Harlem era a maior Little Italy desta margem do

Atlântico. Falava como se fosse de lá, mas distinguia-se pelos seus polos justos de poliéster e corpo musculado. Quando lhe perguntavam que regime seguia, atribuía a sua compleição ao pensamento positivo e a Jack LaLanne, o Guru do *Fitness*: todos os dias via o programa dele e todos os meses aguardava pelas suas remessas de vitaminas.

«Não recusem à partida o elástico *Glamour Stretcher*», dizia ele, girando o corpo numa pose de quarenta e cinco graus. «Como podem ver, não é só para senhoras.»

O avô de Bongiovanni explorara duas mercearias da Madison, e o pai comprara os números 381 e 383 da 125 Oeste para aí investir, quando os judeus dividiram o bairro em transformação. As mercearias familiares continuaram a prosperar, ainda que os Bongiovannis já não vivessem no andar de cima. Tinha fugido para o Astoria depois da Segunda Guerra Mundial, e Bongiovanni deixava agora a zona de uma vez por todas.

«A cidade vai de mal a pior», disse ele a Carney quando lhe propusera o negócio. «Drogas, lixo. Prefiro ir para a Florida.»

Carney, lisonjeado por o italiano achar que ele tinha guito para comprar os dois prédios e a zona da cidade habitada pelos brancos lhe reconhecer os triunfos, depressa supôs haver ali marosca e Bongiovanni andar a impingir-lhe propriedades rascas. Era a cidade em pulgas por uma condenação, uma catástrofe nos esgotos ou a versão última da Maldição do Cruzamento da 125 com a Morningside que por fim se concretizava. Nada disso se tornou verdade, ainda que a Sra. Hernández, da fração 3R do número 381, tivesse uma misteriosa mancha na parede da casa de banho que não só reaparecia sempre que a remendavam e pintavam por cima, mas era sinistramente parecida com Dwight Eisenhower: só podia ser maldição.

«Ele fica ali espetado a olhar para mim», dizia ela.

Bongiovanni perguntara a Carney se estava preparado para ser senhorio.

«Ligam-lhe a qualquer hora: é a água demasiado fria, é o calor demasiado quente, é a minha mulher que me odeia.»

Carney queria regalar-se com as reclamações e sem-razões como um belo bife malpassado com batatas.

«Sim.»

«Isso é que eu gosto de ouvir.»

Fecharam negócio pelos dois prédios e, três meses depois, em Miami, deu o badagaio a Bongiovanni durante os exercícios de calistenia ao nascer do Sol: um aneurisma. A família levou-o para casa e enterrou-o com os antepassados no Cemitério Calvary, em Woodside, com vista invejável para a autoestrada.

«Dar andamento.» Expressão usada por Carney para fazer circular bens na sua esfera ilícita, essa dança de televisores, diademas e torradeiras de um dono para outro, entrando e saindo, pairando pela vida das pessoas em aragens e rajadas de dinheiro e desenvoltura criminal. Mas dar andamento também determinava o mundo honesto, celebrava as vidas dos bairros, dos negócios. O entra e sai de proprietários de estabelecimentos do número 383 da 125 Oeste, a mudança de entidades nas escrituras da conservatória, o minueto de marcas na área de exposição.

O ramo lícito de Carney transformara-se em quatro anos de reforma do mundo do crime. A Argent, sua maior cliente e nome sobre o qual erguera a loja, foi comprada em 1968 pela Sterling, que dois anos depois eliminou as séries de modelos da Argent. A Sears engoliu a Bella Fontaine e assumiu a exclusividade da concessão. A Collins-Hathaway arriscou-se demasiado na expansão para o Canadá e foi liquidada na recessão do ano passado. Carney guardara por cima da secretária a placa de «agente autorizado» deles, em jeito de lembrança.

Para cobrir o buraco que lhes deixara no inventário, Carney tinha firmado acordo com a DeMarco, braço americano da grande empresa norueguesa Knut-Bjellen, hoje especializada em «componentes de mobiliário» de linhas baixas e retas. Paleta de tons terra. Os estudos de mercado avisavam que o consumidor americano desconfiava de artigos para o lar com nomes que soassem a «estrangeiro», pelo que a DeMarco renomeou as linhas destinadas ao mercado dos Estados Unidos, crismando o sofá modular

de *Homesteader* (Colono) e a poltrona reclinável de *Mitt* (Luva de Beisebol). O produto tinha saída, queria lá Carney saber do nome que lhe davam.

A única razão de queixa eram os ensaios fotográficos nas brochuras e materiais da DeMarco, todos encenados em cabanas de esqui e casas nas montanhas. Uma estupenda lareira acesa, artigos modernos cor de ferrugem e mostarda à volta do fogo, senhoras brancas de luvas felpudas, homens brancos em camisolas de lã de gola alta a planarem pelo tapete felpudo numa alegria tola. Carney não queria pôr as pessoas em caixinhas, mas perguntava-se quantos clientes se reveriam naquilo. No tapete felpudo.

«Bem-vindo ao meu chalé», dizia Carney ao receber o catálogo mais recente.

«Espero que gostem todos de *fondue*», ironizava Freddie algures.

Mais uma sirene. Fazia-se comércio, um comércio ordeiro, entre as paredes dos Móveis Carney, mas nas ruas valiam as regras do Harlem: turbulentas, imprevisíveis, mais frívolas que um tio que nunca fez nada da vida. As sirenes subiam e desciam as avenidas tantas vezes como o metro, a toda a hora, segundo os horários da desgraça. Quando não era a polícia em missão caótica, era uma ambulância a apressar-se para reverter o destino. Um carro dos bombeiros que seguia disparado rumo a um prédio desabitado antes que as chamas consumissem o quarteirão inteiro, ou a um edifício de seis pisos regado a petróleo por conta do seguro, com uma dezena de famílias lá dentro.

Em novo, o pai de Carney incendiara um ou dois prédios. Pagava-lhe a renda.

Esta sirene era a de um piquete da polícia. Carney juntou-se a Larry e a Charlie Foster na montra. Do outro lado da 125, dois agentes brancos que tinham encajado o carro no passeio importunavam um rapaz de casaco de ganga escura e calças vermelhas à boca de sino. Empurraram-no contra a montra da Tabacaria Hutchins, conhecida por vender maços sem selo e por pragas de bicharada. O adesivo apanha-moscas passava o ano inteiro sem vagas, as tabletes de chocolate do balcão dos doces estavam

cheiinhas de gorgulho. Hutchins trancou a entrada e, de mãos nas ancas, lançou um olhar fulminante de trás da montra.

Os transeuntes da 125 contornavam o bloqueio da corrente. A maioria não parava: nada havia de incomum num confronto. Se não fosse ali, era noutra sítio qualquer. Mas a caça ao homem deixava as pessoas tensas, cortava-lhes a rotina. Demoravam-se e resmungavam entre si, respingando aos polícias e interpelando-os sem deixar de manter a distância, que atestava o medo que sentiam.

O bófia mais alto afastou os pés do jovem entre si e tocou-lhe na parte interna das coxas. Berrou um curioso:

— Tás-lhe a mexer no material?

— O que é que ele fez? — perguntou Carney.

— Eles encostaram e deitaram-lhe a mão como se tivesse assaltado um banco — retorquiu Larry.

— Andam loucos — comentou Charlie Foster. — À caça dos Panteras Negras.

— Do Exército Negro — emendou Larry.

— Vai dar tudo ao mesmo.

Carney não gostava de interromper quando o peixe mordida o isco, mas a divergência entre os Panteras Negras e a sua ramificação, o Exército Negro de Libertação, não era só de nome. A disputa filosófica abrangia a natureza das ruas, a postura que as forças de segurança tinham em relação ao Harlem, e as sirenes todas. Bem vistas as coisas, talvez essa disputa contivesse tudo.

«É a reforma, por contraste com a revolução», explicava Carney a John.

Duas semanas e meia antes, a 12 de maio. Saía a decisão no julgamento dos vinte e um panteras negras, e o filho tinha dúvidas.

«Pensa na minha loja», prosseguiu Carney. «A reforma consiste em pegar no que já existe e melhorar, como os estofos antimanchas ou os pés dos sofás com rodinhas, e os pés com rodinhas e travões. A revolução consiste em deitar tudo fora e começar de novo. Estás a ver os sofás-cama *Castro*?»

John fez que sim. Era impossível fugir aos anúncios da televisão.

«O sofá-cama é uma revolução», prosseguiu Carney. «Pega em todas as ideias que temos do sono e do espaço, e vira-as do avesso. A sala? Zás: aqui a tens transformada em mais um quarto.» Fez uma pausa. «Aposto que não sabias que o inventor do sofá-cama era negro.»

John abanou a cabeça.

«Leonard C. Bailey, empresário e engenheiro. Em 1899, registou uma patente que o Exército americano produziu em massa. Podes ir ver nos livros. A revolução é isso.»

Carney entrara na fase da vida de um homem negro na qual, em certos dias, a única coisa que o fazia levantar-se da cama era poder partilhar histórias dos pioneiros e visionários negros que mais ninguém conhecia.

John anuiu vagamente. Carney entusiasmou-se.

«Os Panteras Negras andam a abrir bancos alimentares, têm um programa de distribuição de pequenos-almoços de graça, apoio judiciário: isso são tudo reformas. O Exército Negro de Libertação quer derrubar o sistema inteiro.»

«Se os Panteras Negras querem reforma, porque é que tentaram rebentar o metro?»

«Uma coisa não passa a ser verdade só porque a polícia a diz.»

Nessa tarde, o julgamento mais caro e demorado da História de Nova Iorque acabara numa absolvição surpreendente. Dois anos antes, os vinte e um panteras negros tinham sido presos, denunciados por dois chuis infiltrados na organização. Os panteras enfrentavam cento e cinquenta e seis acusações de homicídio na forma tentada, fogo posto, etc., numa conspiração para fazer explodir o Jardim Botânico do Bronx, várias esquadras, umas quantas linhas de metro e também o Alexander's, o Korvettes, o Macy's e outros grandes armazéns. Os alvos comerciais talvez fossem uma coisa anticapitalista, mas não se percebia o que tinham os panteras contra as plantas.

John perguntou se eles também tinham querido rebentar com a loja de Carney. Este respondeu-lhe que talvez houvesse muitas lojas de brancos para rebentar antes de chegarem à sua.

O júri levou noventa minutos a deliberar e vinte a ler as cento e cinquenta e seis declarações de absolvição. «Os agentes infiltrados inventaram de uma ponta à outra as suas histórias.» Uma reviravolta humilhante para Frank Hogan, procurador do Ministério Público de Manhattan. Onde é que o mundo vai parar quando nem somos capazes de mandar uma cambada de pretos para a choldra?

«Porque é que a polícia mente?», perguntou John.

«Porque é que as pessoas mentem?»

Certas coisas, um rapaz tem de perceber sozinho.

Carney tentou imaginar-se em miúdo a fazer perguntas ao pai sobre ação política. O Grande Mike Carney tachava o movimento pelos direitos civis («esses irmãos negros que se dizem virtuosos») de camaradas da vigarice. Quanto é que tiravam aos donativos que pediam para a sopa dos pobres, que parte das despesas metiam ao bolso quando cortavam a fita que inaugurava um novo centro recreativo? Quando vivemos da extorsão, vemos possibilidades em todo o lado, neszazitas por onde uma alma diligente pode enfiar um pé-de-cabra.

Para um miúdo negro criado em Manhattan, John tinha uma maneira inspiradoramente ingénua de ver as coisas. A luta pela sobrevivência agiliza o pensamento: John demorava-se a olhar para o mundo de todos os ângulos, reclamando como direito o luxo de ponderar. Às vezes Carney via nele a versão do miúdo que o próprio Carney poderia ter sido se tivesse crescido noutra casa, chegando da escola com comida na despensa e uma mãe que o recebesse, que não tivesse morrido cedo. E um pai que não fosse vigarista. Carney gostava de saber que haveria em algum lugar uma versão desse rapaz, mesmo não sendo ele.

May saía à mãe. Exuberante e confiante, uma miúda de quinze anos impiedosa. Uma semana depois do julgamento dos panteras, Carney tomava o pequeno-almoço com os miúdos na sala de jantar. Para treinar o músculo de pai, saltou o ritual do café Chock Full o’Nuts e passou tempo com John e May antes de abalarem para as aulas.

May bateu com o dedo no jornal.

«Isto é malta da pesada.»

Carney agarrou no *Times*. Alguém assumira a responsabilidade pelos polícias alvejados na quarta à noite. Dois agentes de guarda ao apartamento do procurador Frank Hogan encontravam-se em estado muito grave, metralhados por «dois jovens negros» num veículo. Hogan andava sob vigilância desde o verão do ano passado, quando a casa de John Murtagh fora atingida por uma bomba incendiária. Quem era John Murtagh? O juiz do dito julgamento dos Panteras Negras.

A noite passada, os atiradores tinham entregado encomendas no Edifício New York Times e nos escritórios da rádio WLIB do Theresa — da loja de Carney, era só descer a rua. As encomendas continham uma bala de 45 mm, matrículas de um carro identificado no ataque e esta nota:

19 de maio de 1971

O Poder ao Povo,

Eis as matrículas dos carros procurados pela bófia deste Estado fascista. Enviamo-las para expormos o poder que os povos oprimidos podem ter de conseguir uma justiça revolucionária.

Os fantoches armados deste governo racista hão de voltar a encontrar as armas das gentes oprimidas do terceiro mundo enquanto não deixarem de ocupar a nossa comunidade e de matar os nossos irmãos e irmãs em nome da ordem pública nacional. Os fascistas dos fuzileiros e do exército ocupam o Vietname em nome da democracia e matam vietnamitas em nome do imperialismo americano, e enfrentam as armas do exército de libertação do Vietname, assim também as forças armadas internas do racismo e da opressão hão de enfrentar as armas do exército negro de libertação, que na tradição de Malcolm X e de todos os verdadeiros revolucionários hão de fazer real justiça. Nós somos a justiça revolucionária.

O Poder ao Povo

Justiça

A sintaxe desorientava-o, mas dava para perceber a ideia.

«São militantes», afirmou Carney.

«Isto precisa de ser dito», interveio May. «O Vietname e o gueto: é tudo a mesma coisa.»

«“Eles” andam sempre ocupados, isso é certo.»

«Não tem graça nenhuma.»

Ela tirou-lhe o jornal das mãos.

«Não me estou a rir.»

«Compraste os bilhetes?»

Carney retraiu-se.

«Já te disse que esgotaram, princesa.»

«Disseste que conseguias.»

John arrastava um lápis pelo labirinto desenhado no verso da caixa de cereais.

Na noite seguinte houve mais um ataque, desta feita conseguido. Era manhã de sábado, Carney examinava as contas acompanhado da rádio 1010 WINS. «Todas as notícias. A toda a hora.» O pivô mencionou as residências da zona de Colonial Park, na Rua 159. Carney tinha lá clientes, recolhas combinadas. Sexta, pouco depois das dez da noite, os agentes Waverly Jones e Joseph Piagentini voltavam ao carro-patrolha quando os emboscaram pelas costas. Jones era negro: levou dois tiros. Piagentini, o branco, oito. A tia Millie fazia turno no Hospital do Harlem quando os levaram para lá.

«Foi uma confusão do camandro.»

Lindsay, o presidente da câmara, foi aos funerais, aparecendo todo emocionado na televisão.

A Polícia de Nova Iorque descreveu a reação que teve como «demonstração de força». «O caralho dum cerco» foi como a descreveu um tipo na fila do café Chock Full o’Nuts, enquanto pagava um saco de dónutes à frente de Carney.

«Eu estive na guerra.»

As patrulhas marcavam posição nas esquinas, as ruas enchiam-se de carros da polícia numa nova ordem de grandeza, com veículos descaracterizados a vigiá-los de perto para darem garantias

maiores de proteção. Rugsas a suspeitos à meia-noite. Cercos a ativistas e personalidades do movimento que constavam das listas negras da polícia. Lembravam Carney dos motins de 1964, e dos de 1968, quando mataram Martin Luther King. Havia um número de telefone de emergência para o caso de sabermos alguma coisa.

Na sede da Polícia, começaram por minimizar a associação ao Exército Negro. Agora Carney reparava que aderiam por completo a ela. Três outros ataques a agentes nos dias seguintes, e não foram fatais: seria o mesmo grupo, ou seriam antes imitadores? Edward Kiernan, dirigente da Associação Benevolente da Polícia, o maior sindicato policial da cidade, mostrou na televisão a camisa do agente Piagentini furada pelas balas e implorou a todos os profissionais de serviço que passassem a andar de *shotgun*.

«Com pistola falham vinte por cento das vezes», afirmou, «com *shotgun* acertam noventa e nove por cento.»

Era a habitual conversa do linchamento. Percy Sutton pediu-lhe que se deixasse disso. Percy Sutton (membro do grupo de pilotos negros de caças da Segunda Guerra Mundial, os Tuskegee Airmen, advogado de Malcolm X e atual presidente da circunscrição de Manhattan) teria feito o Grande Mike revirar os olhos.

«Isto não é o Alabama, é Nova Iorque», declarou. «Aqui não se faz justiça de *shotgun* na mão.»

Os dias passaram-se. Prosseguiu a caça ao homem. Prosseguiram as sirenes.

Primeira semana de junho. Iniciava-se outro sufocante verão nova-iorquino. O ar condicionado por cima da entrada da loja tossia e arquejava feito camioneta urbana, mas fazia o que lhe competia.

Debaixo do aparelho fazia frio. Carney, Larry e o Sr. Foster juntavam-se nesse ponto. Carney supunha que a turba do outro lado da rua continha várias fações da Alta: simpatizantes do movimento, jovens inebriados pela contracultura, malta de espírito

revolucionário que via com maus olhos balear chuis pelas costas, e gente que se limitava a tocar a vidinha para a frente sem se meter. Como o Sr. Charlie Foster, cuja expressão amargava com o que via.

Um *Plymouth* castanho-escuro entrou na Morningside e buzinou, fazendo debandar os mirones. Encostou na berma e bolçou dois agentes brancos à paisana. O rapaz detido abanava a cabeça enquanto berravam com ele.

— Bófias — praguejou Larry.

— No meu tempo, se nos ouvissem dizer isso, punham-nos logo numa cadeira de rodas — notou Foster.

— «Senhores agentes» — corrigiu Larry.

Os agentes da patrulha algemaram o rapaz. Um dos que estavam à paisana agarrou-lhe o pescoço com uma das mãos e fazia-o avançar com a outra. Quando Carney era pequeno, o pai, entre um emprego e outro, trabalhava na Oficina Milagre. Pat Dodds, o dono, tinha um rafeiro cinza lá fora, nas traseiras, e quando o cão fazia porcaria em algum lado, Pat agarrava-lhe no pescoço e enfiava-lhe o focinho no que fizera. Assim agarrava o bófia no pescoço daquele mano negro.

Por instantes, o rapaz pareceu fixar o olhar de Carney, mas, devido à posição do Sol, só veria refletida na montra da loja o próprio rosto. Era essa a natureza da luz àquela hora do dia, na Rua 125: transformava tudo em espelho. O agente à paisana meteu o rapaz no banco de trás do veículo. O sedã deu um solavanco e desencostou-se da berma. O carro-patrulha seguiu o mesmo caminho.

Um mano alto de casaco de camurça largueirão começara a entoar «O Poder ao Povo», mas não pegou. Com a partida dos agentes, nada os ligava. Mexeram os pés, como se o sinal «ANDE/NAO ANDE» dos peões tivesse passado a verde. Carney pensou: «PASME/NAO PASME».

Charlie Foster pigarreou e pôs a boina. Pela postura, algo o desencorajara da venda.

— Vou ter de pensar.

Larry protestou. Carney escapuliu-se para o escritório. O negócio tinha ido ao ar.

O Sr. Foster saiu um minuto depois. Às vezes Carney tinha vontade de dizer: «Vá, compre lá isso. Cuide de si!» Alguns negros da mesma geração aprendiam a não ter permissão de nada, eram todos Charlies Fosters a privarem-se havia tanto tempo, ainda Carney não tinha nascido. Imaginou o cenário solitário à espera de Foster em casa — e censurou-se. Talvez o homem se sentisse feliz e satisfeito, talvez passasse o dia todo a alçar, feitos halteres, os netos aos guinchos.

Carney nada sabia destes tipos, das escolhas que fazem e das suas consequências. Sabia só que andavam à procura de um cadeirão confortável. De vez em quando, Carney urdia um temor íntimo em condição universal.

Tirou da secretária a pilha de sinalética de «**PROMOÇÕES DO FERIADO**» e enfiou-a no lixo. As promoções corriam às mil maravilhas, passou a fazê-las todos os anos. Quando ouviu dizer que iam mudar o nome do feriado do Dia em Memória dos Soldados Mortos em Combate para Dia das Condecorações e passá-lo de 30 de maio para a última segunda-feira do mesmo mês, não percebera porquê. Mas gostava da faturação, lá isso gostava. Fim de semana prolongado, há tempo livre, às vezes uma pessoa começa a pensar em artigos para a casa. Era a primeira vez que se lembrava de ter boa opinião de uma iniciativa do governo.

Por cima da secretária de Carney, à esquerda da janela que dava para a área de exposição, tinha afixada a polaroide, tirada por Rusty em 1961, de Carney com Elizabeth e os miúdos à frente da loja. May tinha quatro anos, John uns dois. A data pouco importava, pois Elizabeth estava na mesma: bonita e inabalável. O sábado fora agradável, os quatro haviam desfrutado da companhia uns dos outros e do bom tempo. A boca de May curvava-se como quando reprimia um sorriso.

Não a queria desiludir, mas já não tinha mais ideias. Chamou Larry.

— Atão, pá?

Carney contou-lhe que os Jackson 5 iam tocar no próximo mês ao Madison Square Garden.

— Esse é dos concorridos — notou Larry, com o tom cansado de quem sabe tudo.

Tinha «amigos no meio», de uma outra vida sua, e de vez em quando, nos momentos mortos, lançava a ele, a Rusty e a Marie uns mexeriquinhos improváveis. Um boato sobre o tocador de harmónica do terceiro álbum dos War, ou informações secretas, juro pela minha saúde, sobre o dentista de Aretha Franklin.

— A May anda-mos a pedir.

Larry abanou a cabeça.

— Se os tivesse, quem ia era eu.

Carney correrá tudo. No Clube Dumas, esquece. Informação privilegiada em leis por aprovar, quem tem de se subornar na Baixa, quando se falava a linguagem da influência ou do dinheiro eram tudo coisas em que os membros do Dumas se destacavam. Quando se chegava aos bilhetes para os Jackson 5, já não eram tão sabidões. Lamar Talbot, que, por nenhuma razão que Carney conseguisse descortinar, era conhecido como «o Clarence Darrow¹ negro», representara o Madison Square Garden num processo de indemnização de morte por negligência. Um trabalhador das obras morrera a levantar os alicerces, e um advogado afro-americano à mesa poderia facilitar as coisas. Mas é que nem pensar.

«Salvo-lhes a pele, e vejam bem como me fodem.»

Lembrava-se em concreto de Kermit Wells se vangloriar de Berry Gordy, pai da editora Motown, ser seu primo direito. Encurralou-o depois de uma prova de uísque. Wells dizia que Carney ouvira mal: um amigo da esposa era da família de Berry Gordy, mas ela e a mulher de Berry tinham-se chateado. Além do mais, acrescentou Kerry, se tivesse alguma ascendência sobre ele, arranjava bilhetes para si.

Leland Jones, o sogro de Carney, martelava a contabilidade dos mais variados advogados e empresários do entretenimento, que lhe guardavam lugares na primeira plateia havia décadas. Feria

¹ Clarence Darrow (1857-1938), advogado norte-americano branco, célebre pelo seu talento oratório. (*N. do T.*)

o orgulho de Carney, mas lá ligou. Por May. Por esta altura, sempre que ouvia a voz de Leland, o tremular da voz dele declarava quanto os anos o haviam debilitado. Carney dantes desprezava-o? Agora, ter emoções fortes era perder tempo. Pediu-lhe contactos no mundo do espetáculo.

— Há muito tempo que não falo com o Albert — retorquiu Leland. — E o Lance Hollis morreu há uns aninhos.

Nos últimos tempos, Carney tinha medo de ligar o rádio, não fosse uma das malditas canções dos Jackson 5 lembrá-lo deste seu fracasso pessoal. De quem se teria ele esquecido?

De Munson. Já lá ia um tempinho.

Carney deixava mensagem quando ligava ao 28.º Comando Distrital da Polícia. O gajo andava sempre fora. Naquele dia atenderam ao terceiro toque.

— Está por aí o Munson? Quem fala?

E outra sirene. Carney apresentou-se.

Munson foi ao telefone.

— Carney — repetiu ele, como se tentasse reconhecê-lo. O inspetor arrastava a voz: — Como é que não me lembrei disso antes?

Assim, no tempo que o sinal «ANDE» leva a passar a «NAO ANDE», Carney saiu da reforma.

Carney apanhou o comboio 1 na Rua 125 e sentou-se do lado este da carruagem. O viaduto de Manhattan elevava os carris cinquenta e um metros acima da Broadway e da 125; se não fôssemos de nariz metido num livro, no jornal ou no rol gasto das coisas de que nos arrependemos, a vista era um bálsamo do túnel sombrio. Para Carney não tinha encanto nenhum. Se ia sentado do lado oposto da carruagem, sujeitava-se sempre a ver, de esguelha para os carris, o sítio onde morara e que tantos anos o prendera como público do espetáculo mais antigo do viaduto. Era a mesma sessão repetida sem variações, a cortina subindo várias vezes por hora, descobrindo imparavelmente, na coreografia e no ruído, um único tema da condição humana: «Tu não Tens Dinheiro para Uma Casa Melhor».

Pouca terra, pouca terra. Já não apanhava o comboio 1 tantas vezes desde que se tinham mudado para Strivers' Row, próximo da Sétima Avenida. Passara-se tempo suficiente para associar agora a linha que passava por cima da 125 à vida de bandido e às suas constantes complexidades. Num dia era a entrega bem idealizada de um ladrão cheio de medo de aparecer nas ruas, no outro a transação com um negociante de diamantes todo paranoico que marcava encontros recorrendo a métodos dos romances de espionagem. Era um alívio ter-se livrado dessa gente, desse mundo secreto e dos seus rituais palermas.

Carney rejeitava a insinuação de que a mudança para Strivers' Row o fizera reformar. Ser assim tão leviano que uma nesgazinha de decoro o fizesse abandonar aquela vida fazia-o pensar que se alçara acima das peças rebeldes de que era feito. Seria preciso mais que uma fachada honrada de tijolo creme e calcário para lhe tapar as instalações.

Elizabeth nunca se queixava do primeiro apartamento que tiveram. Quando um comboio entrava a chiar na estação do outro lado da rua, ela parava e deixava-o passar antes de retomar o discurso, num modelo de porte régio.

«Como a rainha Isabel à espera que passe o cheiro de um peido», dissera uma vez Carney em jeito de provocação, e desde então que ela levantava um sobrolho num gesto de efeito, toque de desdém que lhe dava o dobro da elegância. Vejam só: isto é um antro. Certa vez esgueirou-se de dentro da retrete uma ratazana de bigodes a pingar. Ressoavam discussões assassinas entre homens e mulheres nos andares de cima e de baixo. As vibrações do metro faziam ressaltar os pregos do prédio. Elizabeth exibia uma prudência miraculosa. Agora que a casa era passado, concedia que «tinha mesmo personalidade».

Arquitetos famosos haviam desenhado as quatro fileiras de moradias em banda de Strivers' Row na década de 1890. O número 237 da Rua 138 Oeste fazia parte de uma faixa de estilo arquitetónico federal concebida por Bruce Price e Clarence Luce; Carney fingia ter ouvido falar deles. Deu com o anúncio no jornal. Nunca olhava para as páginas de imobiliário, mas nesse dia olhou. Da primeira vez que foram ao 237 (vazio de mobília, com halos de pó onde antes havia quadros e fotografias penduradas, um silêncio tirando aqui e ali o soalho insolente), disse Elizabeth:

«Podia-me perder aqui dentro», numa singular combinação de querer e pertencer.

Podia ser seu, e já fora: ela crescera na linha da Rua 139, cinco casas abaixo, numa moradia com a mesma configuração. A mesma planta, toda uma outra disposição. Abandonara a faixa nobre do Harlem para ficar com Carney. Voltar ali era... o quê? Um regresso a casa, mas também um prémio pelo amor e pela paciência. Era óbvio que a iam comprar. Para que servia um projeto criminoso em curso complicado por violência cíclica, senão para fazermos a nossa mulher feliz?

Uma noite, pouco depois de se mudarem, Carney chegou tarde a casa após um encontro com Church Wiley, um especialista em

arrombamentos que tinha Baltimore por território e vinha a Nova Iorque descarregar a mercadoria. Artigos de grande qualidade, sempre com atenção a mais. Seguiam-se planos rococós quando Carney tinha de lhe pagar a quantia devida: bater duas vezes na porta ao fundo do quinto andar de um prédio abandonado da 167, pisgar-se pela sala dos fundos do Blue Eyes, no cruzamento da St. Nicholas com a 156, atirar uma rosa ao caixote do lixo todo amolgado e contar até cem, etc.

Dessa vez Church estava duas horas atrasado, e Carney teve de esperar no que decidiu ser um campo de tiro recém-desocupado por uma ofensiva da bófia ou um triplo homicídio. No prédio de arenito devoluto não havia ninguém, mas encontrava-se bem apetrechado de provas de episódios deprimentes. Noite fria de março. O vento chiava. Sentou uma nádega no braço de um sofá *Collins-Hathaway* dos anos 40 que parecia insalubre. Nunca lhe ocorrera que a mobília podia estar doente, mas, desde esse dia, quando via, sabia-o: os seres humanos infetam tudo. Church lá chegou. Olhou em volta e atirou:

«Isto aqui vai mesmo de mal a pior.»

Nessa noite, quando Carney voltou a casa, Elizabeth adormecera na saleta, à frente do *Tonight Show*. Roscoe Pope fazia um número com vendedores de enciclopédias. Carney desligou as luzes, adormecendo o lar. Viu May e John em cada um dos respetivos quartos do terceiro andar. Os miúdos, quais girândolas nos lençóis, estavam todos espojados a dormir. Tocou-lhes na testa com as costas da mão para lhes sentir a temperatura.

No piso de baixo, em vez de acordar Elizabeth, enrolou-a num cobertor. Ela queria lá saber do último grito nos sofás baixos (sinceramente, nem de muitas das atuais promoções da loja de Carney), por isso mantinham o *Argent* com três anos, de bétula com acabamento em tons champanhe. Ele ligou o candeeiro. Na escuridão, conforme os olhos se lhe iam ajustando, foi emergindo a sombra da mulher. Ela acreditava nas desculpas dele para as horas absurdas a que chegava. Qualquer mulher sensata o acusaria de ter um caso. O verdadeiro motivo que o levava a andar pela calada valer-lhe-ia

vinte e cinco anos na prisão de segurança máxima de Sing Sing. O que era pior?

A luz de fora, da rua, entrava pela janela da saleta num feixe totalmente purificante. O silêncio e a calma deixavam-no num estado de espírito de renúncia. Era o fim daquela vida.

Desistir dos larápios e assaltantes não era difícil. Já abdicar de Chink Montague e Munson era diferente. Carney entregava a Chink um envelope semanal que lhe dava licença para operar. Os bandidos em regra não respeitavam convenções, como dar duas semanas de pré-aviso. Carney informou Delroy, homem de mão de Chink, que já não andava no negócio de bens com antigos proprietários, mas iria manter o seu contributo semanal em agradecimento por todo o bom trabalho que haviam feito juntos. O envelope foi reclassificado na qualidade de «proteção», como se Carney fosse só mais um comerciante labrego a levar nas fuças. Que, só para se ter a certeza, era quem era e sempre fora.

Carney convidou Munson a irem ao Nightbirds, e o inspetor brindou à reforma de Carney:

«Ao zé-ninguém mais famoso do Harlem.»

Apareceu na semana a seguir para receber as luvas, e na semana depois dessa, mas a coisa foi-se perdendo. Passado um tempo, Munson só aparecia no escritório de Carney pela Páscoa e pelo Natal a recolher donativos para o «Fundo de Apoio a Viúvas e Órfãos». Já não o visitava havia três anos.

Tirando a sua extensa rede de extorsão, o cultivar de alianças criminosas e a esporádica incursão no trabalho policial, o inspetor Munson tinha talento para resolver problemas. Às vezes implicava, numa rusga, escoltar um senador estadual pelas escadas de incêndio de uma casa de putas da Avenida Lexington, outras dar à amante linguaruda de um ladrãozeco um bilhete só de ida no intercidades para Miami. Tinha-se livrado, isso é certo, de um corpo ou dois em Mount Morris Park quando isso andava na moda.

Às vezes resolver um problema implicava arranjar para alguém o bilhete do evento que andava essa semana na berra: o duelo entre os pugilistas Joe Frazier e Jimmy Ellis no Madison Square Garden

ou um grande espetáculo que houvesse na cidade. Carney lembrava-se de Munson ficar todo contente por ter levado a mulher a ver Sinatra, e a ex-mulher do ex-colega a conhecer Vic Damone aos bastidores, e ainda uma das suas namoradinhas novinhas a ver os Dave Clark Five ao Carnegie Hall. Carney não fazia ideia do género de maquinações e falcatruas que o inspetor apreciava hoje em dia, mas, se Munson tivesse sequer metade da influência de outros tempos, vinham aí bilhetes para os Jackson 5.

A que preço é que Carney não sabia.

Respeitando as instruções recebidas, Carney ficou à espera junto à cabina telefónica do outro lado do metro da Rua 157, saída noroeste. O parquezinho triangular continha seis pombos decrepitos e três bancos. «COMIDAS», «FARMACIA». Vendo as lojas e os letreiros, esta faixa da Broadway, desde a última vez que lá estivera, tinha ficado mais porto-riquenha e dominicana. Na 125 saíam judeus e italianos e entravam negros, aqui os espanhóis ocupavam os lugares dos alemães e dos irlandeses quando estes deram à sola. Andamento, malta, é dar andamento.

Carney precisava de fazer tempo. Ligou para casa e disse a John que voltava tarde.

— Há comida no congelador — informou-o Carney. — A mãe volta amanhã e deve-te cozinhar alguma coisa boa. Se não vier muito cansada. — O comboio de Chicago chegava por volta do meio-dia: a coisa podia dar para qualquer lado. May, ao fundo, çaçava. — Diz à May que quem manda é ela. — E desligou.

Em criança, May assumia uma certa expressão, máscara de alegria, quando ficava imoderadamente excitada. Essa expressão tinha os traços de Elizabeth, mas Carney orgulhava-se de ter contribuído para ela. Não se dera conta das saudades que sentia da expressão até aparecerem os Jackson 5. Metade das conversas de May vinham hoje dos panfletos da Rua 125:

«O problema de base, pai, é os negros não terem tido uma boa escolarização.»

A malta do Poder Negro e os seus folhetos eram piores que as testemunhas de Jeová. Interpelavam-no na rua:

«Que posição tem o senhor no que diz respeito a Moçambique?»

Que raio sabia Carney de Moçambique? Mas, quando dava um berro ao outro lado da casa avisando que os Jackson 5 estavam no *Flip Wilson Show*, ou quando irrompiam da *Panasonic* da sala os alegres acordes de abertura da canção «ABC», invocava-se essa expressão de outrora. Ele ia conseguir-lhe bilhetes.

Os Jackson 5 andavam concorridos. Não sabia se eram sexualmente ativos, mas de certeza que eram promíscuos, patrocinando nada mais, nada menos que três marcas de cereais de pequeno-almoço. May e John passavam o tempo a trautear o anúncio dos *Alpha-Bits*, num assédio constante:

«Agarra nos *Alpha-Bits*, anda lá, vais comer todos a começar pelo A!»

A letra fazia sentido, isso Carney dava de barato, só que era parva. O quarto de May cobria-se de cartazes desdobráveis das embalagens de *Super Sugar Crisp*, juntando-se aos das *Flip* e *Tiger Beat*. O quarto dela era um templo vistoso aos rapazes de Gary, no Indiana. Aos saltos, a dançar, preguiçando no parque, sozinhos ou em planos coletivos, a irromperem no palco de fatiotas folionas todas pimponas e macacões prateados da era espacial, todas as imagens munidas daqueles seus sorrisos do outro mundo.

May entrou num concurso da revista *Teen Beat* em março («Habilita-te a comer um gelado com o Michael!») e no da *Tiger Beat* em abril («Ganha um encontro de patins com o Michael!»). Foi preterida, apesar do impressionante ensaio em que discorria porque merecia tal honra: «O Michael é para as pessoas comuns, como eu.» Para ir mais longe que os *Super Sugar Crisps*, os *Alpha-Bits* começaram a incluir nas caixas flexidiscos de quarenta e cinco rotações com as canções «ABC» e «I Want You Back», o que por sua vez levou os *Honeycombs* numa corrida pelo último grito dos colecionáveis. Qual era a arma secreta dos *Honeycombs*? Balões com a forma da cabeça de cada um dos Jackson 5, impressos com os

retratos deles. Eram lembranças macabras, mas May não se acharia completa até conseguir o Michael.

A demanda prosseguiu semanas a fio. As pessoas declaravam que certos supermercados «davam sorte» ou «eram fatais», eliminavam mercearias do rol ou protegiam-nas numa dedicação delirante. Pelos jovens espalhou-se a mensagem de que uma merceariazinha da 132 tinha decifrado o código. Carney recebeu ordens para ir ver dela.

Rasgou a tampa da embalagem de cereais e vasculhou-a.

«É o Michael!»

«É o Marlon.»

«Parece o Michael.»

O último Marlon juntou-se à coleção flácida no parapeito (quatro Jermaines, três Jackies, um sortido de Titos e Marlons). Foram precisas catorze embalagens. A promoção dos Jackson 5, como tudo na vida, era um logro. Carney louvava-o: é preciso ensiná-los em novos.

O telefone da cabina tocou.

— Cucu.

Carney perscrutou em redor. Havia um restaurante, o El Viejo Gallo, do outro lado da rua. Franziu os olhos. Talvez tivesse telefone à entrada. Levantou o olhar: Munson podia estar em qualquer um dos prédios que rodeavam o parque.

— Atrás de ti — disse Munson.

O prédio de nove pisos ficava na ponta sul de um bloco em forma de cunha. O lado este era uma rua de que nunca ouvira falar: a Edward M. Morgan Place estendia-se por um quarteirão e meio até virar para a Riverside Drive. Porra, quarteirão e meio. Morgan devia ter matado mais índios ou roubado mais dinheiro, toda a gente sabe que assim se conseguem as ruas mais compridas. Munson, de cima, abriu a porta do prédio.

O inspetor manteve a porta do apartamento entreaberta ao abrir-se o elevador, postura que indicava ter uma arma fora de vista. Cabeceou para Carney entrar e garantiu que mais ninguém saía do elevador.

O T1 fora partido de um apartamento maior, pois as sancas decorativas eram interrompidas pelas paredes novas. Munson disse-lhe para se pôr à vontade e voltou a guardar a 38 mm no coldre de serviço.

O espaço era um chiqueiro: se Carney ali vivia, os filhos andavam de vassoura em punho para merecerem a merda da mesada. A última coisa que soubera de Munson era que vivia na Baixa com a mulher. Esta espelunca era um refúgio, com móveis suficientes para ser habitável. Se fosse limpa, talvez desse para trazer uma miúda. Não havia nada de pessoal à vista, tirando um duende de cerâmica de um metro de altura, vermelho e preto ao estilo chinês, com as marcas da lembrança a que deitamos a mão na última paragem de uma investida que dura o dia inteiro. Encontrava-se num ângulo de quarenta e cinco graus em relação à parede, como se se quisesse esgueirar de alguma coisa suspeita.

Munson passou por Carney e fechou a porta do quarto antes de Carney ser capaz de o espreitar.

— Tens ali dentro algum morto?

— Umas miúdas da televisão estão a dormir para curar a resaca.

Sentaram-se no sofá triste e mauzinho, dos que trazemos no mesmo dia de uma loja de pechinchas. Munson deixou-se afundar num suspiro. Estava com ar péssimo. Pálido, barba por fazer, cabelo ruço todo espetado à volta da nova falha que tinha no couro cabeludo. Quando se conheceram, Munson era entroncado e robusto, daqueles chuis que pensamos duas vezes antes de nos metermos com ele. Com o passar dos anos, o inspetor amolecera por se aproveitar do sem-fim de regalias da profissão, dos bifes por conta da casa e das rodadas à pala. Todo ele eram protuberâncias, parecia uma mochila do Exército cheia de roupa suja que ganhara pernas. Perdera agora algum desse peso e parecia atormentado, numa magreza que pensaríamos advir de um regime de exercício físico, se não soubéssemos que era por fugir de alguma coisa que ganhara terreno.

Munson deu um bom gole de cerveja.

— Andas no intervalo da caça? — perguntou-lhe Carney.

Munson atirou-lhe uma lata de cerveja, que Carney pousou na mesa.

— É só uma questão de tempo. Sabias que os cabrões lhes levaram os revólveres de serviço? — Munson deu um arrotto. — É como se te levassem a piça.

— Imagino.

— Andam todos lá fora, a tentar reaver as armas dos coitados e encontrar as bestas. Como esperaríamos nós que fizessem conosco.

— Não tens gente lá dentro? Como tens nos Panteras?

Munson fez uma cara de nojo.

— Tu viste o que se passou em tribunal. Devíamos ter ganhado, mas avançaram com o processo demasiado depressa.

Nos protestos de 1964, Munson contara a Carney dos agentes ainda jovens que infiltrara no Congresso da Igualdade Racial e na Comissão Coordenadora Estudantil Não-Violenta para abafar os protestos. O inspetor branco não fazia inconfidências a Carney por confiar nele, fazia-as porque o vendedor de móveis não constituía ameaça. Carney ia fazer o quê: enviar uma carta ao semanário dirigido pela comunidade negra, o *New York Amsterdam News*? A bófia branca fazia o que queria. E a bófia branca e corrupta? Era intocável.

Certo dia, Munson aparecera como as verrugas: replicam-se. Antes do assalto ao Hotel Theresa em 1959, o negócio de recetação de Carney fora, independentemente da maneira como olhássemos para ele, pequeno: ele eram eletrodomésticos, o esporádico pingente de esmeralda fanado à cómoda de uma viúva velha. Por uma parcela pequena, intermediava entre os bandidos da Alta e um perito em pedras preciosas da Rua Canal. Depois, Chink Montague fizera saber que queria reaver um artigo do Theresa: um colar que oferecera à namorada, Lucinda Cole. Quem andava no negócio na Alta foi posto de sobreaviso, e Carney foi integrado nas páginas amarelas do crime.

Munson apareceu pouco depois para o seu tributo semanal, em parte para fazer pressão a Carney, noutra para se fazer à secretária

Marie antes de ela casar. O inspetor acabou por ter utilidade anos mais tarde, na campanha que Carney levou a cabo para se vingar de Wilfred Duke, o banqueiro corrupto do Harlem, mas havia uns tempos que não se metiam em nada de desonesto.

— Tenho de te mostrar uma coisa — interveio Munson.

Sumiu-se para dentro do quarto e fechou a porta.

Por esta altura, já Carney tinha a certeza de haver no mínimo um corpo lá dentro. Ai, o que fazemos pelos filhos.

Foi ao recanto da sala onde o edifício se estreitava numa cunha. Oito pisos acima, as janelas tinham vistas espetaculares para a Broadway, a oeste espreitava aqui e ali o rio Hudson, e acima das moradias mais baixas apinhava-se o verde deslumbrante do Parque St. Nicholas. Era um bom ponto de vigia, com ângulo para as bocas de metro e o triangulozinho do parque. O posto de sentinela dava direito a cadeira de realizador e uma grade, das usadas no transporte de garrafas de leite, para pousar o cinzeiro e as latas vazias.

— É para ver quem vem — disse Munson na volta.

Trazia um saco de papel castanho.

— Andas-te a esconder?

Carney tentara contactar Munson na esquadra, mas o gajo agia como se andasse fugido.

— Tenho uns assuntos por resolver.

O inspetor limpou a mesa de centro do monte de jornais e papéis de sandes enrolados. Dentro do saco de papel havia outro amarfanhado, donde vazou mãos-cheias de longas espirais de diamantes. Uns bons quilates, engastados em ouro e platina luzidia. Tossiu e coçou a barba por fazer.

Carney pôs-se de joelhos junto ao monte de joias. Desemaranhou-as, abanando a cabeça com aquela falta de respeito. Perdera o jeito, mas a maioria dos artigos pareciam ser dos anos 40, da Marjorie Baxter, em Boston: umas gargantilhas de *cocktail* e colares-gola aparatosos. Os mais pequenos eram dos mesmos antigos joalheiros americanos, como as pulseiras de rubis e diamantes da Raymond Yard e as gargantilhas da Louis Long. O tipo de seleção que nos

calhava se fanamos um colecionador especializado, ou se partimos uma vitrina e agarramos o que conseguimos enquanto soa o alarme.

— É o que andas a fazer? — indagou Carney.

Munson engoliu bem em seco. Estava todo encolhido, qual gárgula dos telhados, na cadeira de realizador, e não tirava os olhos das joias.

— É uma vez sem exemplo. O que é que achas?

— Alguém anda com sorte.

Noutra vida, Carney teria andado ao corrente dos assaltos mais recentes e saberia a proveniência disto.

Munson perguntou pelo tamanho da sorte.

— Assim por alto... uns duzentos mil. Dependendo de quem fica com eles.

Munson bateu as mãos uma na outra.

— Boa. Preciso disso esta noite.

Andava um agiota qualquer, ou um corretor de apostas, a apertar com ele. Munson tinha o mesmo olhar da vez, havia uns aninhos, em que fora levantar o envelope uns dias antes do costume. Aposta merdosa nas corridas de cavalos de Garden State Park, um palpite mesmo bera. Era raro ver este olhar na cara do inspetor: só mais um civil, sujeito a forças superiores, mais poderosas. Carney levantou-se.

— Munson, estou fora.

— Pensa assim: é só desta.

A postura de Carney dizia que não.

— Tenho de ir para o escritório.

— Se fosse a ti, não ia.

Carney não apreciou o tom.

— Tu não precisas de mim.

— Para ser franco, as coisas têm andado um bocadinho para o complicado. Viste a Comissão Knapp nos jornais? A que anda a cheirar os polícias?

— A ti?

— Quem, eu? — Sorriso traquina. — Tenho de arranjar maneira de contornar a coisa por uns tempos. Tu é que andas fora. Não tens ninguém de olhos em ti.

— Não tenho ninguém de olhos em mim porque não há nada para ver.

— Os Jackson 5 — lançou Munson.

— É para a minha filha.

— Tens uma filha?

— Porra, sabes que sim.

— Consigo bilhetes. Arranjo bilhetes para tudo — disse Munson. — Já te contei que fui aos bastidores do Vic Damone? É do Brooklyn, não anda de nariz todo empinado. Alguns destes lambe-cus...

Sacos de papel castanho. Sem um pinga de dignidade. Tirava o romantismo todo à coisa. Pois Carney estava enamorado daquelas bonitas joias.

— Quero dos bons — pediu. — Mesmo à frente do palco.

— Conheço toda a gente, e toda a gente me deve alguma coisa.

— Munson sorriu. — Quanto tempo levas?

Fecharam negócio pelos bilhetes. Carney foi-se embora com os sacos de papel, amparando-os por baixo como se levasse café a pingar.

Vencedor de dois prémios Pulitzer, Whitehead regressa ao Harlem para radiografar uma época e um país: um romance caleidoscópico, a pulsar de vida.

Nova Iorque, década de 1970: a criminalidade está em alta, numa metrópole à beira da falência, imersa na brutalidade e tentando salvar-se de um colapso nervoso coletivo. No centro do furacão, Ray Carney procura manter o seu negócio — e a sua família — à tona, tentando ficar longe dos meandros criminosos do passado.

Por todo o lado, sente-se a vibração da contracultura, que alimenta uma nova geração e derruba velhos hábitos. Nas vésperas do bicentenário da independência, um dos inquilinos de Carney fica gravemente ferido num incêndio, e Carney recruta o amigo Pepper para descobrir a verdade. Nas ruas de uma cidade em frangalhos, radiografia de um país fraturado, a dupla terá de enfrentar toda uma sorte de vigaristas corruptos e violentos.

Tratado de vigaristas revela Colson Whitehead no domínio pleno da arte do romance: uma narrativa dura, mas cheia de humor, uma história de famílias desfeitas e de afinidades improváveis, e uma extraordinária evocação de um lugar e de uma época já desaparecidos. Tal como em *Ao ritmo do Harlem*, deparamos aqui com toda a glória e decadência da cidade que nunca dorme, numa trama frenética e inesperadamente divertida.



Um dos melhores livros do ano:

The New York Times ★ *The Washington Post* ★ *Time* ★ *NPR*

«Na ambição e no alcance, na forma como o íntimo é tão habilmente entrelaçado com o épico, este romance faz lembrar Balzac. Whitehead embarca aqui na sua própria comédia humana.»

The Guardian

«Fulgurante. Uma anatomia gloriosa de todos os golpes.»

The New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

📷 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897876233



9 789897 876233 >